

17ª CONFERÊNCIA INTERESTADUAL RJ/ES

Bancos lucram cada vez mais e estão longe da crise

Bancários reafirmam a unidade como estratégia de luta e avisam que não vão tolerar a choradeira dos bancos, que batem recordes de lucro em meio à crise econômica do país

FOTOS: VANOR CORREIA



PARTICIPAÇÃO CRESCENTE - Em Macaé, 517 trabalhadores do setor bancário do Rio e do Espírito Santo aprovaram a pauta de reivindicações, as estratégias e ações para a campanha salarial, que serão debatidas na Conferência Nacional da categoria, em São Paulo, a partir de 31 de julho



Adriana Nalesso, presidente do Sindicato do Rio, lembra que não existe crise nos bancos. Lucros do setor financeiro não param de crescer

A crise brasileira que afeta diretamente os trabalhadores e os setores produtivos da economia tem sido dura para toda a sociedade, mas não passou nem perto do capital especulativo dos bancos, os maiores interessados na política recessiva de altos juros do governo. Entretanto, não será novidade os banqueiros virem com a velha choradeira de todos os anos na hora de atender às reivindicações dos bancários, na campanha nacional. Por isso, os sindicalistas acreditam que, com unidade, mobilização e a participação de todos os bancários e bancárias, é possível, sim, fechar um bom acordo coletivo, que atenda às necessidades da categoria e faça jus

aos ganhos bilionários do setor financeiro. Dinheiro eles têm de sobra e tudo acumulado à custa do trabalho dos funcionários, de muita pressão e assédio moral, que adoecem cada vez mais a categoria.

A avaliação foi feita na 17ª Conferência Interestadual dos Bancários do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, realizada no último sábado (4), em Macaé, região norte do estado fluminense. Confira nas páginas 2 e 3 os principais itens aprovados no encontro, que definiu também os delegados que vão participar da Conferência Nacional, que será realizada de 31 de julho a 2 de agosto, em São Paulo.

Bancários priorizam emprego, trabalho e criticam pauta re

Conferência Interestadual define ainda propostas para a remuneração e alerta sobre risco do a

Bancários dos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo participaram, durante todo o dia no último sábado, 4 de julho, da 17ª Conferência Interestadual dos Bancários, no *Hotel Four Points by Sheraton*, em Macaé, norte fluminense. Ao todo 517 trabalhadores (385 homens e 132 mulheres) estiveram presentes. No encontro, foram definidos os delegados e aprovados os itens de reivindicações, que serão ainda debatidos na próxima Conferência Nacional da categoria, que acontece nos dias 31 de julho, 1º e 2 de agosto, em São Paulo.

Os sindicalistas lembraram que não há crise no sistema financeiro, e a política recessiva que atinge principalmente os trabalhadores, mas também setores produtivos da economia, não chega nem perto dos bancos, que batem recordes de lucros e se beneficiam da política do aumento dos juros básicos imposta pelo governo.

“O sistema financeiro precisa assumir responsabilidade social com o país e a sociedade, preservando os empregos dos bancários, ameaçados pela rotatividade, pela política de demissões dos bancos, terceirização e avanço tecnológico. Os bancos têm de garantir saúde e melhores condições de trabalho para todos os funcionários e ter compromisso com o desenvolvimento econômico e social do país”, disse a presidente do Sindicato do Rio, Adriana Nalesso.

O presidente da Fetraf RJ/ES (Federação dos Trabalhadores do Ramo Financeiro), Nilton Damião, o Niltinho, defende a unidade como estratégia fundamental para uma campanha vitoriosa. “É preciso deixar em segundo plano nossas diferenças e centrar no inimigo de classe comum, os patrões. Nas negociações, a voz dos bancos estão sempre em uníssono, e nós, muitas vezes, deixamos passar nossas divergências, que acabam repercutindo na mesa de negociação”, afirma.

CRÍTICAS AO GOVERNO E A CUNHA

O governo Dilma e as ações golpistas do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, receberam críticas durante todo o evento. O diretor da CUT/RJ Marcello Azevedo criticou a progressividade proposta pelo governo na questão das

aposentadorias.

“A fórmula 85/95, apesar de ter sido proposta por este Congresso Nacional, que é reacionário, é, indiscutivelmente, um avanço. O governo contrabandeou a lógica da expectativa de vida, que era a alma do fator previdenciário, incluindo-a no modelo das aposentadorias com a progressividade”, critica. Azevedo lembrou que Lula deixou o país com estabilidade econômica e monetária, geração de emprego e renda e crescimento econômico e repudiou o golpismo de Eduardo Cunha ao votar pela segunda vez uma proposta sobre a redução da maioria penal. “Há um avanço da conspiração da direita que precisa ser barrado”, acrescenta.

Adriana Nalesso disse que as críticas ao governo são pertinentes, mas alertou para o golpismo reacionário que avança no Congresso, nas redes sociais e nas ruas. “Não podemos aceitar a tese de que é necessário destruir o governo. Não compactuo com esta ideia, que ameaça inclusive a democracia”, destaca, lembrando que o governo foi eleito pela maioria dos trabalhadores.

Almir Aguiar, que representou a Contraf-CUT no encontro, ressaltou que não se pode apagar da memória os avanços do governo Lula. “Não podemos esquecer os oito anos de reajuste zero nos bancos públicos e o arrocho no governo Fernando Henrique Cardoso, que criminalizava os movimentos sociais. Os mais antigos sabem que, na época do PSDB, negociávamos entregando a pauta para porteiros na garagem das sedes dos bancos públicos e hoje a mesa de negociação é feita diretamente com a direção dos bancos. Não dá para apagar os avanços do governo Lula e do primeiro mandato de Dilma”, afirma.

Além de aprovar moção de repúdio à política econômica do governo Dilma, comandada pelo ministro da Fazenda, Joaquim Levy, e as atitudes arbitrarias e antidemocráticas do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, para impor uma pauta reacionária, a Conferência repudiou também as demissões dos bancários sindicalistas Victor Barros, do Itaú, e Arivoneide Moraes, do Banco do Brasil, mera retaliação e prática antissindical imposta pelas empresas.



SEM PAUSA - Durante todo o dia de sábado, 517 trabalhadores participaram da campanha nacional dos bancários deste ano, na 17ª Conferência Interestadual dos Bancários.

As principais reivindicações

Remuneração - Entre os principais itens aprovados sobre remuneração são: aumento real de 7% mais a inflação do período, fim do teto para a PLR linear, 14º salário, parcelamento do desconto do adiantamento de férias, salário mínimo do Dieese para os pisos, vale-cultura para todos os bancários, além do fim do banco de horas, com pagamento integral de todas as horas extras.

Emprego - Entre as estratégias referentes ao emprego, combate aos correspondentes bancários, à terceirização e à política de demissões dos bancos, com o fim da alta rotatividade no setor e a contratação de mais bancários; a extensão dos direitos da Convenção Coletiva de Trabalho da

categoria para os trabalhadores terceirizados e a igualdade de oportunidades, cuja novidade é a inclusão de curso de libras para todos os funcionários a fim de impedir o isolamento dos deficientes auditivos.

Saúde e condições de trabalho - Entre as principais estratégias de luta, estão o fim das metas e o combate ao assédio moral. Foi aprovado a isonomia de direitos entre trabalhadores da ativa e aposentados, a realização de novo senso da Diversidade nos bancos públicos e privados, desta vez com a participação do movimento sindical na elaboração e aplicação do questionário. Incluir o Perfil Profissiográfico Previdenciário (PPP), que é o documento histórico-laboral que

Emprego, saúde e condições de trabalho da reacionária do Congresso

Risco do avanço de projetos dos setores reacionários e de ações golpistas contra a democracia

FOTOS: VANOR CORREIA



517 trabalhadores debateram a conjuntura nacional e o ano, na 17ª Conferência Interestadual, em Macaé

Reivindicações

contém várias informações relativas às atividades do trabalhador na empresa. Instituído pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), o documento informa detalhadamente as atividades do trabalhador, exposição a agentes nocivos à saúde e outros dados de caráter administrativo. Reivindica ainda a ampliação do auxílio-maternidade ou a redução da carga horária dos funcionários responsáveis por filhos com algum tipo de deficiência física ou mental.

Segurança - Em relação à segurança, os bancários defendem a retirada da redação da minuta sobre a emissão da CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho) o termo “fato consumado”. O objetivo dessa mudança

é incluir também na CAT bancários vítimas de “tentativas de assaltos e sequestros”. É também reivindicado que “os bancos arquem com as despesas de mudança de residência dos funcionários sequestrados”, “garantindo também o emprego destes trabalhadores”. Uma antiga reivindicação foi reafirmada como item da pauta: proibir a guarda das chaves das agências por bancários. O movimento sindical quer ainda ter acesso ao plano de segurança das unidades bancárias e a obrigatoriedade da instalação de porta giratória antes dos terminais de autoatendimento, câmeras de vigilância, além do aumento para cinco o número mínimo de vigilantes em cada agência.

CONTRADIÇÃO

Professor critica financiamento da mídia burguesa por estatais



REGULAÇÃO É DEMOCRATIZAÇÃO - Helder Molina defende a regulação das mídias e critica o fato de os governos Lula e Dilma não terem enfrentado o monopólio da comunicação no Brasil

O professor Helder Molina, historiador, doutor em Educação, pesquisador e educador sindical e assessor de formação da CUT-RJ, criticou a chamada grande mídia durante a palestra *Sindicalismo e as novas tecnologias da comunicação*, na 17ª Conferência Interestadual RJ/ES. O acadêmico disse que foi um erro dos governos Lula e Dilma financiar a imprensa burguesa com publicidade oficial. “Cerca de 70% da publicidade das estatais está na Rede Globo. Esta mesma mídia empresarial que ajudou eleger o Congresso mais reacionário de nossa história e a bancada BBB, da ‘Bala’, do ‘Boi’ e

da ‘Bíblia’, antipopular e antissindical, com 400 deputados federais”, critica. Molina ressaltou ainda que o movimento popular precisa reagir. “Se os movimentos populares não agirem, vamos para a idade das trevas, e o senhor das trevas é o Eduardo Cunha”, acrescenta. O especialista deu como exemplo do retrocesso político o projeto de ampliação da terceirização e a ação conservadora contra os direitos humanos das mulheres, negros e homossexuais.

“Esta mídia não foi enfrentada pelos governos Lula e Dilma, que não discutiram a regulação das mídias no Brasil. Criamos um ‘monstro’, que ameaça, inclusive nas redes sociais, os movimentos populares”, disse.

O acadêmico criticou ainda o fato de os sindicatos não apoiarem a imprensa alternativa e popular. “É um absurdo, uma contradição, um site de sindicato não ter links que remetem aos blogs progressistas, assim como o movimento sindical comprar a *Revista Veja*, os jornais *O Globo* e o *Estadão* e não assinar a *Carta Capital*, a *Caros Amigos* e nem a *Fórum*”.

Ao final, o educador defendeu a necessidade de mais atenção para a formação política no movimento sindical.

BANCÁRIO

Presidenta: Adriana Nalesso - Sede - Av. Pres. Vargas, 502/16º, 20º, 21º e 22º andares - CEP 20071-000 - Centro - Fax (Redação): (021) 2103-4112 - Sede **Campestre** - R. Mirataia, 121 - Tel.: 2445-4434 (Pechincha/Jacarepagua) -

Subsede de Campo Grande: Rua Viúva Dantas, 659, CEP: 23052-090 - Campo Grande - Tel.: 2415-0725 - 2415-0159 - **Secretaria de Imprensa** (imprensa@bancariosrio.org.br) - Vera Luiza Xavier (Banerj/Itaú), coordenador responsável **Coletivo de Imprensa:** Ronald Carvalho (Banerj/Itaú), Marcelo Ribeiro (Unibanco/Itaú), José Pinheiro (Banerj/Itaú) - **Editor:** Carlos Vasconcelos - MTb: 21335/RJ - **Redatores:** José Eurides de Queiroz - Mtb 11.732/SP, Olyntho Contente - Mtb 14173/RJ - **Estagiária:** Roberta Ohanna Braga - **Revisor:** João Luiz Pacheco - **Ilustrador:** Julio Mariano - **Diagramadores:** Marco Scalzo e Fernando Xavier - **Fotos:** Nando Neves - **Secretário de Imprensa:** Celedon Broca - Secretaria de Cultura (cultural@bancariosrio.org.br) - Tel.: 2103-4150 - Secretaria de Bancos Públicos (bancospblicos@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4122/4123 - Secretaria de Bancos Privados (bancosprivados@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4121/4124/4172 - Secretaria de Saúde (saude@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4110/4116/4149/4176 - Secretaria do Jurídico (juridico@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4104/4125/4128/4173 - **Impresso na 3 Graph - Distribuição Gratuita - Tiragem: 23.000**

ENTREVISTA/ADRIANA NALESSO

“Banco é concessão pública, tem de respeitar bancários e clientes”

Apresidenta eleita do Sindicato, Adriana Nalesso (foto), cobra responsabilidade social dos bancos, fala da importância de uma mulher vencer as eleições do Sindicato e de suas expectativas para a categoria bancária para o triênio 2015-2018, período de sua gestão

Jornal Bancário - Como você avalia o resultado das eleições do Sindicato?

Adriana Nalesso - Minha avaliação é muito positiva. Os bancários deram uma resposta na urna que só nos dá mais responsabilidade na gestão da entidade e de que precisamos ter cada vez mais transparência, ética e atender às necessidades e demandas da categoria.

Bancário - Qual o significado de uma mulher voltar a presidir o Sindicato?

Nalesso - É importante termos uma mulher novamente presidindo o Sindicato, o que não acontecia há 15 anos. No decorrer destes anos conseguimos conquistar vários espaços, mas ainda há muita desigualdade na sociedade brasileira. As mulheres ainda ganham menos que os homens, mesmo quando elas procuram se qualificar mais para o mercado de trabalho. Ocupamos hoje mais espaço no mercado, inclusive em atividades que antes eram realizadas somente por homens. Entretanto, o tratamento continua sendo desigual nas empresas. Nos bancos, por exemplo, as bancárias ganham em média 23% menos que os homens.

Bancário - Quais as estratégias para enfrentar o PL4330, o projeto que permitirá a terceirização em todas as atividades das empresas?

Nalesso - Temos feito um enfrentamento contra o PL 4330. O Eduardo Cunha, presidente da Câmara, colocou a proposta em votação sem um debate amplo na sociedade, sem que as pessoas tivessem uma noção clara do que significa terceirizar toda e qualquer atividade. Mesmo assim, perdemos por pouco na segunda votação, resultado de nossa atuação sindical e da divulgação que fizemos do que representa esta ampliação da terceirização e a precariedade do trabalho terceirizado, o que levou muitos deputados a recuarem. Agora esse projeto está no Senado. A pressão popular vai continuar. Vamos mostrar as carinhas dos senadores e deputados que votam contra o trabalhador.

Na verdade, temos que lutar para que todos os terceirizados tenham os mesmos direitos e garantias que os trabalhadores diretamente contratados. Temos de lutar para impedir a ampliação do processo de terceirização no país e garantir emprego decente para todos.

Bancário - E qual a importância da chamada reforma política?

Nalesso - O próprio debate da ampliação da terceirização, assim como outros temas fundamentais, passa pela questão do debate da reforma política. Afinal, qual a razão das pessoas que se dizem representantes do povo votarem projetos que são prejudiciais ao povo e aos trabalhadores? Por que isso? Justamente porque eles recebem financiamento privado de campanha. Então as empresas e os bancos bancam as campanhas e patrocinam seus candidatos. E empresa não vota, banco também não vota. Então não tem por que a empresa dar dinheiro para candidatos.



Bancário - Qual a sua avaliação do atual contexto político e econômico de ajustes fiscais do governo, de crescimento da inflação e de risco de perda da renda média dos trabalhadores?

Nalesso - A crise que se instalou em 2008 continua repercutindo no mundo. No Brasil ela foi postergada, em virtude das medidas econômicas que fomentaram o crédito, o que foi positivo. A presidenta Dilma tem que entender que ela foi eleita e assumiu compromissos que precisa cumprir, principalmente o de respeitar os trabalhadores. Nós não achamos justo a forma como o governo vem conduzindo o ajuste fiscal no país. O ajuste, se é que precisa ser feito, não pode ser com este modelo, em que somente os trabalhadores pagam a conta. Onde está a responsabilidade das empresas, especialmente as que tiveram suas folhas desoneradas? Por que não se tributa as grandes fortunas no país? Hoje nós temos uma carga tributária que pune o trabalhador, pois incide mais diretamente sobre consumo e não sobre a renda e o patrimônio. Tem que tributar mais a renda e o patrimônio e não o consumo.

Bancário - O sistema financeiro hoje apresenta um empecilho para o desenvolvimento econômico do país?

O sistema financeiro precisa ter responsabilidade social e gerar emprego e renda. O que a gente vê é um sistema altamente especulativo. Os bancos servem para quem e para quê? Têm que servir para o conjunto da sociedade, têm que financiar o desenvolvimento do país.

Os avanços tecnológicos, por exemplo, acabam tirando empregos de bancários. Mas, se ampliarmos o atendimento pessoal nos bancos, poderemos garantir e ampliar os postos de trabalho e atender melhor a população. Os bancos têm de respeitar as pessoas, clientes e bancários. Banco é concessão pública, por isso tem que atender todo mundo de forma igual e respeitosa.

Bancário - Quais são as suas expectativas e prioridades para a campanha salarial deste ano?

Nalesso - Sempre que você tem um momento de crise, há mais dificuldades para a negociação. Entretanto, o sistema financeiro não está em crise, os bancos estão lucrando cada vez mais. Acho que nós vamos ter dificuldade, porque eles sempre trabalham com a expectativa futura e vêm sempre com a desculpa de que o país está em crise. Crise para o banqueiro ou para o empresário significa que não pode haver aumento de salário. Mas acredito na nossa capacidade de mobilização e na unidade da categoria e não tenho dúvida de que, através de nossa luta e organização, vamos sair dessa campanha com um bom acordo.

Bancário - O que espera deste mandato à frente do Sindicato nos próximos três anos?

Nalesso - A expectativa é de que podemos melhorar as condições da categoria, dos trabalhadores, não só de salário mas de vida. A nossa categoria tem hoje uma grande preocupação, que são as condições de trabalho, a questão do emprego. Os bancários vivem aflitos por causa do aumento das metas e do assédio moral instituído por pessoas que não levam em consideração a necessidade de bem-estar, de saúde e de qualidade de vida do trabalhador. Não existe nenhum diálogo. As metas são impostas e isso tem adoecido os bancários, desestimula o funcionário, que acaba sofrendo com doenças, o chamado transtorno do esgotamento profissional.

Além da remuneração, que é ter um reajuste salarial digno, uma boa PLR, priorizaremos a questão do emprego decente, igualdade de oportunidades, saúde e as condições de trabalho.